

Os números são muito poucos e controversos. A realidade nacional é amplamente desconhecida. A relação existente entre a violência e a circulação de armas ligeiras – estabelecida desde logo em fóruns e relatórios internacionais – está a ser alvo de um projecto de investigação pelo Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Ontem, teve início um seminário internacional cujo grande objectivo é trazer contribuições de vozes diversas – ONG’s, agentes da autoridade, investigadores – para o estudo que está a ser coordenado por José Manuel Pureza.

Foi, aliás, o responsável pelo Núcleo de Estudos para a Paz do CES quem começou por assinalar a importância dos contributos de todos os especialistas para o estudo em curso. Lembrando a quase inexistência de dados e a controvérsia à volta daqueles que são conhecidos – em Portugal circulam 700 mil armas legais, mas “há um número muito preocupante e completamente desconhecido de armas ilegais em circulação” –, o investigador lembrou a importância de estabelecer com o rigor possível “um retrato da realidade portuguesa”, tendo como ponto de partida alguns pressupostos fundamentais, como os efeitos e as vítimas causadas pelas armas ligeiras.

O estudo esse, ainda de acordo com José Manuel Pureza, está a debruçar-se sobre quatro pontos fundamentais: a oferta, a procura, o impacto (quem são as vítimas) e as respostas (políticas, legais, de práticas sociais) às armas ligeiras em Portugal. Isto para que, nas palavras do investigador, seja possível estabelecer com a maior exactidão possível um retrato que não viva das “imagens feitas” de um país a balançar entre os “brandos costumes” – armas, que armas ?!!! – e o “caldei-

# Armas ligeiras “significam” violência

No CES, está a ser traçado o primeiro retrato português da violência vs armas ligeiras.



DB-LUÍS CARREGA

**NÚCLEO** de Estudos para a Paz do CES prepara um diagnóstico sobre a situação vivida em Portugal

rão” de violência à beira de explodir que muitos têm diagnosticado mais recentemente.

O seminário prossegue hoje no Centro de Estudos Sociais e conta, a partir das 15H00, com a participação de Rui Sá Gomes, secretário de Estado da Administração Interna.

## A cor dos números

Os números são, habitualmente, entidades um pouco opacas, acinzentadas. Com a tradução de tudo em números, estatísticas, barras e índices, as realidades que eles traduzem deixam de ter rosto, deixam de ter cor, logo deixam de significar. No entanto, há ainda realidades que escapam a esta verdade e que, mes-

mo traduzidas em números, ou por causa disso mesmo, assumem proporções significativas nas nossas vidas. Ontem, na abertura do seminário do CES, Rebecca Peters, a responsável pela International Action Network on Small Arms (IANSA) deixou uma dessas mensagens “significativas”.

Tendo começado por evocar uma história “exemplar” – no mesmo dia que, em Portugal, mais uma mulher [e o companheiro] morreu vítima de uma arma de fogo às mãos do ex-companheiro –, de uma francesa morta pelo marido em sua casa, no decorrer de uma festa em que participavam 30 convidados (...), Rebecca Peters deixou alguns dados a merecerem reflexão: as ar-

mas (de fogo) ligeiras são responsáveis por um milhar de mortos em cada dia – 560 homicídios, 250 em conflitos armados, 140 suicídios e 50 acidentais –; a sua produção movimentada quatro mil milhões de dólares em cada ano (mas na Colômbia o mesmo valor corresponde aos danos causados por elas); das armas legais, 74 por cento estão nas mãos de civis e 25 por cento nas de militares e forças policiais; em 2004, os EUA exportaram 618 e importaram 732 milhões de dólares, enquanto Portugal exportou 16 e importou 40 milhões de dólares em armas; no México, 90 por cento das armas usadas em crimes chegam dos EUA; por uma arma destruída, há 10 produzidas...